

Biologia como meio:

entrevista com Marta de Menezes

[dossiê]

Marta de Menezes

Artista portuguesa, é licenciada em Belas Artes pela Universidade de Lisboa, mestre em History of Art and Visual Culture pela University of Oxford, e PhD pelo The Centre for Arts and Genomics, da University of Leiden. Atualmente é diretora artística do Ectopia, laboratório experimental de arte e biologia, em Lisboa, e diretora do projeto Cultivamos Cultura, ao Sul de Portugal.

Cristina de Oliveira Cardoso

Artista Multimídia e pesquisadora, possui Bacharelado em Artes Plástica, na Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, atualmente cursa o mestrado em Artes Visuais, no Programa de Pós-graduação em Arte Visuais, PPGAV-UDESC, e é integrante do Grupo de Pesquisa Telepresença em ambientes imersivos, participativos e interativos, coordenado pela Profa. Dra. Yara Guasque.

Resumo. A entrevista aborda o processo de criação de Marta de Menezes, no contexto da bioarte, campo da arte que utiliza organismos vivos como mídia para a arte. A trajetória da artista, seu interesse pela biologia, a colaboração entre o artista e o cientista, a inserção do artista nos laboratórios de pesquisas, e a polêmica relacionada ao uso de organismos vivos na criação artística são questões centrais da presente entrevista.

Palavras-chave. ciências biológicas, bioarte, organismos vivos.

Biography as a medium: interview with Marta de Menezes

Abstract. The interview approaches Marta de Menezes creation process in the context of bioart, a field of arts that uses living organisms as a medium of artistic creation. The artist's trajectory, her interest in biology, the artist/scientist collaboration, the inclusion of the artist in research laboratories, as well as the controversy related to the use of living organisms in artistic creation are core issues in the present interview.

Keywords. biological sciences, bioart, living organisms.



As proposições artísticas de Marta de Menezes se relacionam com as intersecções entre a arte e as ciências biológicas, campo denominado por teóricos da área como bioarte, porém, segundo a artista, ela prefere o termo arte biológica para tratar de sua produção. Em linhas gerais a bioarte envolve trabalhos de arte que usam a bioengenharia e tecnologias avançadas advindas da biologia, e que tem levantado polêmica em razão de envolver organismos vivos como mídia para a arte.

Nature?, 1999, é um dos trabalhos de bioarte mais conhecido da artista, que trata da criação de borboletas vivas, com o padrão de suas asas modificado por meio de manipulação genética. As asas são simultaneamente naturais, mas resultantes de uma intervenção humana, questionando nossa concepção do que é natural.

A entrevista com Marta de Menezes é parte do levantamento de dados realizado para a minha dissertação de mestrado em Artes Visuais ainda em andamento, e que envolve intersecções entre a arte e as ciências biológicas. O principal interesse em entrevistar Marta de Menezes, foi o de investigar seu processo de criação, e como ela concretiza seus trabalhos em um campo que exige conhecimento de tecnologias pouco acessíveis para o artista, no caso das bioengenharias, e também como ela consegue ter acesso aos laboratórios de pesquisas científicas, algo que é extremamente restrito.

Cristina de Oliveira Cardoso [COC] Quando começou o seu interesse pela pesquisa em ciências biológicas como mídia para arte?

Marta de Menezes [MM] Estava ainda cursando licenciatura em Belas Artes, na Faculdade de Lisboa, quando fiz amizade com pessoas das áreas de ciências. Comecei a frequentar os laboratórios de pesquisas da faculdade e iniciei minha investigação artística no campo da biologia, um universo novo para mim, que se dava através da representação por mídias tradicionais do que eu observava nos laboratórios.

Meu primeiro contato com a biologia se deu de forma visual. Eu explorava as imagens da biologia, fazendo pinturas do que eu observava nos laboratórios. Chamava minha atenção colegas de laboratório dando pulos de alegria com objetos que para mim não faziam sentido algum. Nesse momento percebi como conceitos estéticos podem ser modulados pelo contexto.



Alguns objetos que eram interessantes para mim, passavam despercebidos ou eram ignorados pelos cientistas, por serem parte da sua rotina. Com o passar do tempo e com a vivência nos laboratórios, fazer apenas a representação do que eu observava não era mais suficiente, eu desejava algo mais. Foi durante esse período que percebi como seria importante aprofundar minha investigação artística. Não só representar o universo da biologia, mas também utilizar os processos de investigação da biologia como mídia artística.

[COC] Como você aprendeu a utilizar os métodos de investigação em ciências biológicas para realizar suas experimentações artísticas?

[MM] Eu me dediquei a estudar as pesquisas científicas, e o fato de ter um bom relacionamento com os cientistas, desde a época em que frequentava os laboratórios da universidade, fez a diferença. Frequentei cursos de extensão e disciplinas das ciências biológicas, oferecidas nas universidades da área, e também visitei vários laboratórios de investigação científica portugueses, onde conheci os cientistas e as pesquisas que eram desenvolvidas nesses locais.

Continuo pesquisando e me atualizando e, quando tenho um projeto novo, preciso aprender sobre aquela pesquisa específica que envolve meu projeto. Para desenvolver meus projetos, tive que aprender a operar as máquinas dentro do laboratório, assim como os demais pesquisadores cientistas, participando, por exemplo do treinamento para operar o microscópio eletrônico. Os cursos normalmente são oferecidos para os pesquisadores do laboratório interessados, e ministrados por técnico especializado na operação desses equipamentos.

[COC] Como você consegue ter acesso aos laboratórios de pesquisas científicas para desenvolver seus projetos?

[MM] Toda a minha produção como artista é realizada dentro dos laboratórios de investigação científica. Eu utilizo o espaço do laboratório como meu ateliê, e nesse local eu desenvolvo meu trabalho. Quando tenho um projeto para fazer, o primeiro passo é encontrar um laboratório que esteja trabalhando com a pesquisa necessária para a realização do meu projeto. Meu objetivo é sempre utilizar uma tecnologia que já existe para modificá-la com um fim previamente definido. É preciso ter um projeto bem fundamentado para pleitear e conseguir acesso ao laboratório.



O segundo passo é entrar em contato com o coordenador do laboratório e propor meu projeto. Se aprovado, eu começo a fazer parte da rotina do laboratório, ou seja, tenho um cronograma de atividades para cumprir, assim como os demais pesquisadores. Mas nada no projeto é fechado, tudo pode mudar. O resultado final, às vezes, não é o esperado, e quando superam as expectativas iniciais, é maravilhoso ver isso acontecer.

[COC] Como acontecem as colaborações entre o artista e o cientista?

[MM] Eu participo da rotina do laboratório, assim como os demais cientistas, e tenho que cumprir minhas atividades semanais. Trabalho de forma autônoma, assim como os demais pesquisadores do laboratório, não interferindo na rotina deles. A colaboração acontece, por exemplo, nas conversas de corredor e na hora do café, momentos informais que aproveitamos para trocar ideias, ou nas reuniões semanais entre os membros do laboratório.

Faz parte das atividades do laboratório uma reunião semanal, na qual os pesquisadores falam sobre as atividades que realizaram durante a semana. Esse é o momento em que cada membro expõe sua pesquisa, e comenta-se e discutem-se os trabalhos. Um pesquisador pode fazer sugestões ou indicar uma referência para a pesquisa do colega. Como os demais membros do laboratório são informados sobre o que cada um está pesquisando, fica mais fácil de ocorrerem as trocas e as colaborações.

[COC] Como a pesquisa do artista dentro dos laboratórios é vista pelos cientistas? Existe algum tipo de preconceito com relação ao artista?

[MM] Na Europa, é bem visto ter artistas trabalhando e compartilhando o espaço dos laboratórios de pesquisa científica. Culturalmente, neste contexto, os artistas são vistos como criativos, que não se limitam a fazer receita de bolo, porque a ciência trabalha com receitas. Um método científico não deixa de ser uma receita a ser executada passo a passo, e nesse momento entra o diferencial e a contribuição do artista. O artista não se limita a seguir a receita à risca, ele improvisa, altera, reinventa, podendo, assim, alcançar resultados diferentes e apontar novas questões para a ciência, tanto na prática quanto nos níveis éticos e filosóficos.



A arte problematiza a ciência e seus métodos, mostrando muitas vezes ângulos que aos olhos dos cientistas são invisíveis. Porém, uma situação a ser observada nesse contexto é o fato de que os cientistas ainda possuem uma visão de arte que remete ao século XIX, o que, muitas vezes, complica o entendimento deles em relação a uma proposição artística como a minha. Ao mesmo tempo em que o meu trabalho desperta curiosidade, ele é difícil de ser compreendido.

[COC] Você realiza o seu trabalho fazendo contato direto com os laboratórios de pesquisa científica. Por que esta opção?

[MM] Para realizar qualquer coisa, você precisa passar por um grande processo burocrático. Esse fato sempre desestimulava meu processo criativo e exigia um empenho cansativo. Por isso, a opção de trabalhar diretamente com os laboratórios de pesquisa científica.

[COC] De que forma o artista que pretende fazer experimentações artísticas, utilizando as ciências biológicas como mídia, deve proceder para conseguir realizar seus projetos?

[MM] Primeiro é importante conhecer o que está sendo pesquisado em ciências biológicas nos laboratórios de pesquisas no contexto aonde você pretende atuar. Você tem que procurar o curso de biologia da universidade da sua cidade, se informar sobre as disciplinas oferecidas para os estudantes desses cursos. Normalmente, as disciplinas iniciais desses cursos podem ser feitas por qualquer pessoa. Fazer aulas, workshops, e cursos de extensão, e estudar a teoria e a prática das ciências biológicas, são um bom começo.

Depois, você vai ter que bater na porta dos laboratórios e procurar um lugar que desenvolva a pesquisa necessária para a realização do seu projeto. O que tem ajudado o acesso dos artistas aos laboratórios de pesquisas são os recursos destinados à área de marketing dos laboratórios, porque a pesquisa do artista pode contribuir para tornar pública a produção do laboratório. Cada vez mais existe interesse dos cientistas em saber a opinião pública acerca do que se está produzindo dentro dos laboratórios, influenciando o que é financiado em ciência hoje.



[COC] O laboratório de ciências biológicas *biosafety level 1* não é tão inacessível quanto imaginamos?

[MM] Para trabalhar com organismos como bactérias, não é necessário um laboratório de biologia muito complexo. Nesse caso, pode-se trabalhar em um laboratório *biosafety level 1*, que é bem simples, e o risco para as pessoas do laboratório e do meio ambiente é mínimo. Um laboratório desse nível inclui vários tipos de bactérias e vírus, e algumas culturas de células e bactérias não infecciosas. No nível 1, as precauções contra os materiais de risco biológico são mínimas, e normalmente envolvem o uso de luva e algum tipo de proteção facial.

Os procedimentos de descontaminação são semelhantes em muitos aspectos às precauções contra micro-organismos, ou seja, lavar as mãos com sabonete antibacteriano e limpar as superfícies expostas do laboratório com uso de desinfetantes. E os recursos financeiros necessários para montar e manter o laboratório é equivalente aos custos para se construir um laboratório de fotografia ou de gravura.

O que acontece ainda é o desconhecimento e, muitas vezes, a falta de interesse das instituições artísticas com relação ao assunto. Apesar das dificuldades, existem algumas iniciativas em laboratórios de pesquisas interdisciplinares que incluem a pesquisa em biologia e arte que são bem sucedidas, como nos exemplos do SymbioticA, na University of Western, Austrália, e do Fluximedia, na Concordia University, Canadá, coordenado pela professora Tagny Duff.

[COC] Na sua prática como artista, você trabalha com seres vivos. Como fica nesse caso a ética com relação à vida desses organismos?

[MM] Existem questões práticas que dizem respeito às regras de laboratório sobre a utilização de organismos vivos que devem ser seguidas. Sendo necessário, em alguns casos, obter a autorização de comitês de ética para exibir determinado trabalho. Outra questão com relação a isso são as regras de hierarquia do uso de seres vivos, tanto para as ciências como para a arte. Uma bactéria na pirâmide de classificação dos organismos tem um valor diferente do que uma borboleta. Para se trabalhar com esses organismos, é primordial que se tenha um conhecimento sobre as regras que dizem respeito à sua utilização.



[COC] Você considera que a ficção científica tem influência sobre as pesquisas e os avanços atuais das ciências biológicas?

[MM] A ficção científica antecipa e traz visibilidade para questões polêmicas e éticas envolvendo a vida e os avanços científicos. Antes de a teoria se tornar realidade, a ficção tem um papel importante no sentido da formação da opinião pública sobre determinada pesquisa. Ou seja, a ficção nos mostra facetas da questão que não poderiam ser previstas pelo cientista. Um exemplo disso foi o caso da vacina da AIDS, que pretendo abordar em um futuro trabalho. O conceito do que é uma vacina e a diferença como esse conceito é entendido pelo senso comum e pelos cientistas, hoje. Para a população em geral, vacina é algo que previne uma doença, mas o que vem sendo tratado pelos cientistas como vacina para AIDS, é um tratamento, e não previne a doença, podendo acarretar muitos problemas se pensarmos que as pessoas podem parar de usar métodos preventivos por pensar que a vacina as deixa imune ao vírus. Penso que o artista pode contribuir para fazer a ponte entre a visão do público leigo e a do cientista.

[COC] Você percebe uma preocupação bioética por parte dos cientistas com quem você tem trabalhado?

[MM] Quando o artista passa a conhecer e conviver com o cientista, ele percebe que os cientistas são pessoas que também se preocupam e se dedicam ao estudo de questões éticas e filosóficas envolvidas no fazer científico. Até porque, muitos dos cientistas mais experientes e que já estão no final da carreira, não precisam mais trabalhar diretamente com a materialidade e experimentação dentro do laboratório, e acabam por se dedicar e se aprofundar em estudos teóricos da área. Um exemplo é o grupo de pesquisa interdisciplinar coordenado pela professora Antonia Valério, localizado no Departamento de Filosofia da Universidad Nacional Autónoma de México, que tem como foco, pensar e problematizar as implicações éticas das novas tecnologias no campo da biologia.

[COC] No seu ponto de vista, a bioarte necessariamente implica na utilização de material vivo como mídia, ou não?

[MM] Esta questão não faz mais sentido no momento atual no qual a arte é o meio, e não a mídia. Hoje em dia temos problemas mais importantes para nos preocuparmos. Não se trata de definir o que é bioarte, mas sim definir ideias e conceitos que precisam de algo físico para se manifestar, sendo através



da palavra escrita ou de uma bactéria. O conceito, a ideia e a matéria podem vir simultaneamente e se complementam, no sentido de expandir o espaço da arte. Algo que em todos os tempos sempre foi feito pelos artistas de vanguarda.

Entrevista realizada em 21 de março de 2013.
Vila Nova de Milfontes, Portugal.

Referências

KAC, Eduardo (ed.). *Signs of life*. Bio Art and Beyond. Cambridge: The MIT Press, 2007.

MITCHELL, Robert. *Bioart and the Vitality of Media*. Seattle: University of Washington Press, 2010.

Entrevista recebida em junho de 2013. Aprovada em maio de 2014.

